

Índice

Introdução.....	11
Indonésia.....	15
Bali de scooter.....	15
Ilha de Bali	18
Uma scooter endiabrada.....	21
Paquistão	25
Um mundo à parte.....	25
Iraque	29
A Antiga Mesopotâmia.....	29
Turquia.....	33
O Curdistão.....	33
Gana.....	37
Um pedido de casamento.....	37
Togo.....	41
É assim no Togo.....	41
O mercado de feitiçaria	45
Benim	49
A rota dos escravos.....	49
Porto Novo	53
Bangladesh.....	57
Bangladesh no coração.....	57
Tonga.....	61
Um guia engraçado.....	61
Um país lento e pacato.....	65
Egito.....	69
Seis camelos pela namorada.....	69
Israel.....	73
Jerusalém, a cidade sagrada.....	73

Jordânia.....	77
Uma agradável surpresa.....	77
Petra, uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno.....	81
Tailândia.....	85
Um pequeno paraíso chamado Phuket.....	85
Um mergulho inesperado.....	89
Uma aventura tailandesa.....	92
Banguecoque, cidade dos contrastes.....	95
O condutor do <i>tuk-tuk</i>	98
Camboja.....	101
Templos de Angkor.....	101
As aldeias flutuantes.....	105
Vietname.....	109
Atravessar uma estrada em Hanói.....	109
Baía de Halong Bay.....	113
Auto da barca do riso.....	116
Índia.....	119
Um choque cultural.....	119
Viagens alucinantes.....	122
Jaipur.....	126
Taj Mahal.....	132
Panamá.....	135
Bocas del Toro.....	135
Cidade do Panamá.....	138
San Blas, o paraíso na Terra.....	141
Costa Rica.....	145
Táxi com mau aspeto.....	145
Parque Nacional Tortuguero.....	148
O coco endiabrado.....	151
Corcovado.....	154
Ucrânia.....	157
Kiev.....	157
Suíça.....	161
Uma Suíça desconhecida.....	161
Moldávia.....	163
Chisinau, a capital.....	163
A Moldávia é mesmo isto.....	166
Portugal.....	171
Rota Vicentina a pé.....	171

Introdução

Por mais que me esforce, não consigo lembrar-me daquele dia. Nem uma única memória. Triste, mas a mais pura das verdades. Apenas sei de fonte segura que naquele dia não consenti de bom grado o sucedido, e o resultado foi uma impávida birra. As mudanças são sempre difíceis de aceitar. Viver no ventre da minha mãe durante 9 meses, em paz, sem ninguém me chatear, e do nada ser sugado do meu *habitat* natural por dois fulanos de bata verde... Não pode ter sido uma experiência agradável.

Vivia num mundo assético, expurgado de maldade e crueldade. Tinha, sem dúvida, uma vida de lorde. Nove meses de gestação a não fazer absolutamente nada, com comida feita e numa barriga só para mim, ainda por cima sem pagar renda. Apertadinho, é certo, mas para mim aquele modesto To era o suficiente. Tinha sido o meu primeiro lar, e arrancarem-me do meu aposento sem o meu consentimento fora indubitavelmente um enorme desgosto. Provavelmente os meus pontapés foram interpretados de forma errada ao longo da gravidez. Não significavam pressa para sair, mas uma forma de manifestar que tinha fome. Queria comer, e dava uns valentes chutos, sem dó nem piedade.

Cá fora, a cada toque, a reação da minha mãe não era comer rapidamente uma feijoada para me saciar, mas sim chamar o meu pai, para este sentir a barriga mexer-se. E quanto mais toques eu dava, revoltado, mais tempo os meus progenitores permaneciam a tocar na barriga, encantados, enquanto eu passava uma fome desgraçada.

Serve esta estulta narração para dizer que nem tudo foi um mar de rosas enquanto embrião e feto. O que vale é que sofri sem me recordar de um único momento.

Por minha vontade, tinha fugido assim que me arrancaram do ventre da minha mãe, mas havia um senão. Tinha desembochado neste mundo sem roupa, e começar a vida preso por atentado ao pudor seria certamente uma desonra para os meus pais. Por outro lado, seria extraordinário cometer um crime ainda antes de estar registado. Para não arranjar conflitos, deixei-me estar quietinho e sossegado, sorumbático, com esta enorme mudança arrancada a ferros. Os meus pais, por outro lado, estavam felizes da vida.

Mas esta infelicidade foi apenas um episódio efêmero numa vida onde o amor e a felicidade reinaram, até ao dia em que tive o meu maior desgosto: a morte do meu pai. Tinha apenas 22 anos, e o universo pregara-me uma partida de mau gosto. Toda a fé que depositava em Deus naufragou.

A palavra «felicidade» desmoronou-se de tal forma que passei mais de um ano sem me rir, chorando pelos cantos a perda de uma pessoa que eu tanto amava e admirava. Sentia amargura e frustração e, sobretudo, uma enorme revolta com Deus. Com o coração desgrenhado, perambulava desnorteado, procurando insistentemente um pouco de resiliência e afoiteza.

Foram precisos alguns anos até florescer um emendado sentido na minha vida, substituindo a acérrima anedonia entranhada no meu dia a dia.

Encalhado nos escolhos, soltei-me aos poucos de uma âncora regurgitada de sobejada amargura.

Permaneci a mesma pessoa, o mesmo cromo e palhaço, mas agarrei-me de tal maneira às últimas palavras proferidas pelo meu pai, que ainda hoje as sigo como um devoto discípulo: «Goza a vida.»

A verdade é que esta frase ficou tatuada no meu coração. Deixei de pensar no futuro e comecei a viver cada dia como se fosse o último. A vida não era um sonho, mas um concretizar de sonhos.

Indonésia

Bali de scooter

Quando ela passa fico deslumbrado e embevecido. Aquela silhueta fascina-me. Aquele corpo e aquelas curvas deixam-me louco. Mas por vezes galga tão rápido que mal a vejo passar, e só penso: *Eu também quero uma mota!* E naquele dia não tinha apenas uma mota ou uma *scooter* à minha frente. Estava na ilha de Bali, e elas choviam de cada viela ou beco. Era simplesmente inacreditável. Perante tal pandemónio, convenci as minhas três companheiras de viagem a alugarmos *scooters*, cada uma a apenas 1 euro e 60 por dia. Mas vamos ao que interessa...

Como é realmente andar de mota ou de *scooter* na ilha de Bali? Os primeiros adjetivos que me ocorrem são: descaído e inconcebível. Sair da cidade de Kuta foi quase uma missão impossível. Para começar, conduz-se pela esquerda, mas este não foi o maior problema. Já o trânsito... O trânsito era uma autêntica confusão. Uma epidemia de *scooters*, vindas não sei de onde, entupia o tráfego ao som das constantes buzinas, que eram usadas somente por duas razões: por tudo e por nada. Para complicar, alguns condutores não ajudavam, pregando-nos certas rasteiras de mau gosto. Uns ultrapassavam em qualquer sítio, e depois havia aqueles, que eu apelido

de verdadeiros pilotos inconscientes e amantes do perigo, que vinham em sentido contrário. Algumas *scooters* transportavam quatro ou cinco passageiros. E não eram magros nem franzinos. Eram pessoas normais, como eu. Também se viam imensas crianças a conduzir. Contudo, a verdade é que, durante quase uma semana, não vimos nenhum acidente rodoviário. São uns autênticos sedutores, estes meninos, na arte de manejar o guiador. Faziam aquilo com uma perna às costas, enquanto nós nos víamos à rasca com as duas pernas na *scooter*. Mas como diz o ditado, depois da tempestade vem a bonança, e assim foi. Os nossos corações recuperaram de uma certa taquicardia perante tal caos, respirámos fundo, e decidimos explorar a ilha com toda a calma e serenidade. Se tínhamos passado neste teste sem cábulas, a partir de agora tudo seria mais fácil. Assim como Fernão de Magalhães, deixámo-nos levar ao sabor da brisa. As paisagens eram magníficas. Arrozaís e palmeiras davam-nos boleia ao longo de todo este percurso bucólico e esverdeado. E o mais impressionante era a quantidade de templos ao longo do caminho. Sem qualquer exagero, viam-se mais templos do que casas. A primeira paragem foi para visitar um dos templos hindus mais famosos desta ilha, o Pura Tanah Lot. Este templo incrível e de beleza rara fica sobre um grande rochedo no meio do mar, e é, sem dúvida, o lugar ideal para se fugir da grande azáfama das cidades e respirar alguma calma. Depois do almoço seguimos viagem, e as primeiras gotas de chuva obrigaram-nos a arranjar abrigo. Sem qualquer destino eminente, apenas rumávamos para norte. Cada metro e cada curva eram um brinde inopinado que aceitávamos de bom grado. Este é um dos grandes

benefícios de fazermos uma viagem por nossa conta. Temos toda a liberdade para rumarmos ao sabor do momento. Paramos quando queremos e visitamos o que queremos. Com um calor infernal, a deslocação em duas rodas é uma das melhores sensações que podemos ter. Um vento suave e fresco facilitava-nos a locomoção. Apesar disso, acabámos por sentir o oposto passadas algumas horas. A cada curva e contracurva numa estrada que não parava de subir, o calor abafado que tínhamos sentido ao longo do dia transformava-se aos poucos num frio indesejado. Decidimos então parar na primeira povoação que encontrámos, a cidade de Bedugul. Apesar de Bali ser maioritariamente hindu, aqui ouvíamos as famosas rezas muçulmanas, que chegavam a toda a cidade através dos altifalantes das mesquitas. Pousada encontrada, era hora de dar um certo descanso ao nosso querido veículo de duas rodas, para continuarmos esta aventura no dia seguinte.

Ilha de Bali

De manhã cedo, seguimos viagem sem rumo definido. Estando acima dos mil metros de altitude, alguns de nós rogavam as primeiras pragas à *scooter*, devido ao frio que se fazia sentir. Porém, o percurso era magnífico, e para completar tal venustidade, tivemos uma agradável surpresa pelo caminho. Alguns macacos brincavam e pulavam ao longo da estrada. Parámos imediatamente, para podermos observar melhor estes babuínos e tirar algumas fotografias. Alguns saltavam de árvore em árvore, e outros aproximavam-se de nós com certa cautela. Quando estávamos prestes a tirar uma fotografia, usavam da sua tremenda agilidade e fintavam-nos como o Ronaldo ou o Messi, fugindo rapidamente, sem deixar qualquer rasto. O truque para aliciar estes acrobatas jocosos e galhofeiros era muito simples: algumas bananas chegavam para que mudassem completamente de atitude. Do nada, não tínhamos apenas um, mas vários macacos à nossa volta.

Seguindo viagem, eis mais uma prova dos benefícios de andarmos por nossa conta: num cruzamento vimos uma placa com o nome «Cascatas de Git Git». Tendo devorado todo o guia sobre esta ilha, sabia que este nome não constava nele.

Seguimos a indicação e fomos dar à entrada do trilho que nos levaria às tais cascatas. Pela primeira vez, sentimos nesta ilha alguma ociosidade por parte dos nativos. Ao contrário de Kuta, onde o turismo funciona em massa e é de um exagero tremendo, aqui os turistas não abundam, e talvez por isso tenhamos sido galardoados com sorrisos por parte destes autóctones. Após algumas subidas e descidas bastante íngremes, estávamos em plena selva. A constante presença de cascatas embelezava todo este percurso. Muitos nativos banhavam-se nos riachos, usando as cascatas como um gigantesco chuveiro. Apesar de alguma fadiga, o esforço valeu a pena. Seguimos uma senda, acompanhando o percurso inverso do rio. Por vezes tivemos de atravessar algumas pontes em madeira, que se encontravam num estado miserável. Da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, ziguezagueámos o trilho até termos diante de nós uma visão sublime. No alto das montanhas víamos todas as cascatas a caírem em vários patamares, formando socalcos. Fomos gratificados com este panorama utópico, magnífico e encantador. Um destino difícil e doloroso de alcançar, mas que nos deixou felizes.

De volta à estrada e com a fome a bater à porta, decidimos parar numa pequena barraca ao longo do caminho. Almoçámos por uns míseros 60 cêntimos, e agradecemos aos deuses por esta refeição ser das poucas que não tinha qualquer tipo de picante. Não é que tenha algo contra o picante. Pessoalmente, confesso que sempre tive um certo carinho por uma comida mais «puxada», mas na Indonésia os autóctones abusam na sua utilização. Sem querer ofender este povo bem gentil e simpático, eles não punham algum picante na

comida, faziam completamente o inverso. Punham alguma comida no picante. Como sempre, a cada refeição, parecíamos os quatro mosqueteiros em luta contra a gastronomia indonésia.



Numa ilha onde as motas e as *scooters* reinam, seria de esperar que as bombas de gasolina surgissem como cogumelos, mas isso não acontece. Pelo contrário, não existe qualquer tipo de bombas de gasolina nesta ilha, pelo que o abastecimento do depósito funcionava da seguinte maneira: ao longo da estrada encontrávamos algumas barracas onde havia gasolina numa garrafa ou recipiente. A maior parte das vezes eram garrafas de *vodka* usadas, que os nativos reaproveitavam para colocar a gasolina. Cada vez que tínhamos de abastecer o depósito, e com tantas garrafas de *vodka* à vista, em prateleiras de madeira, quase sentíamos estar numa tasca russa.

Uma scooter endiabrada

Uma apologia a este meio de locomoção nunca vem tarde demais, visto que superava qualquer dificuldade, mesmo em estradas esburacadas. Petulante e emproada, esta scooter não nos dececionava.

Cansados de andar em estradas principais e com inúmeros socalcos de arroz à nossa volta, decidimos aventurar-nos por uma acanhada vereda. O objetivo era apenas um: irmos à descoberta, tornando este passeio ainda mais pastoril. Um desejo enorme de proximidade com a natureza incitava-nos a seguir por caminhos raquíticos entre arrozais. E do nada, o inesperado. Sem qualquer tipo de trânsito e tendo passado em todos os testes de circulação rodoviária, ouvimos subitamente um estrondo. Quando olhei para trás, percebi que as nossas preces para conseguirmos abraçar a natureza tinham sido ouvidas, mas mal interpretadas. As nossas parceiras tinham caído da scooter e abraçavam o alcatrão! Como uma bala, a minha colega saiu disparada para ver se estava tudo bem. A Sónia estava pálida e a Xana sangrava da perna. Na verdade, a única que tivera uma aproximação com a tão desejada natureza fora a scooter. Numa valeta funda cheia de água, lá estava ela, ainda com o motor ligado.

Como a união faz a força, passado um bom pedaço conseguimos tirá-la do buraco. Apenas uns arranhões, nada de mais. Depois deste pequeno percalço, seguimos viagem mais calmamente. Como unha com carne, o gelo tornara-se o melhor amigo da Xana, que a cada paragem tratava da sua ferida. Nesse mesmo dia chegámos à costa, e decidimos pernoitar na cidade de Lovina. Pagámos apenas 8 euros por um quarto mesmo ao pé da praia, com direito a pequeno-almoço.

No dia seguinte, prosseguimos logo pela manhã. Pelo caminho, inúmeros templos transbordavam entre os arrozais e as palmeiras. Era impossível parar em todos. Naquele momento, o objetivo era chegar às aldeias que rodeiam o vulcão Batur. Como se revelava habitual, o caminho fazia-se a subir, com curvas bastante apertadas. O que nos valia eram as fabulosas paisagens. Passado algum tempo, já avistávamos ao longe os vulcões Batur e Agung. Parávamos a todo o instante para fotografar estes impotentes fenómenos da natureza. Seguindo o rasto ao primeiro vulcão, tínhamos subitamente diante de nós a sua cratera e o lago Batur. Ao longe, o outro espreitava timidamente entre as montanhas. A cada passo, a silhueta destes dragões ativos tornava-se ainda mais bela. Mas a estrada em redor do lago mais parecia um campo de minigolfe, pela abusiva quantidade de buracos que apresentava, e com alguma compaixão pelas *scooters*, decidimos não seguir caminho por estas estradas miseráveis.

No último dia em Bali, visitámos a zona de Ubud, famosa pelos seus magníficos campos de arroz. Desta feita, decidimos encostar as *scooters* à berma e percorrer a pé alguns caminhos bastante desconchavados. Mais tarde, com a noite

a espreitar, procurávamos ao longo da costa uma pousada. Sendo tudo bastante caro, avançávamos de aposento em aposento até termos outra surpresa. Quando dei conta, a Sónia e a Xana não estavam atrás de nós. Preocupado, acelerei pela berma da estrada em contramão, perguntando-me se teriam caído novamente. Mas nada disso. Desta vez a surpresa era ligeiramente diferente. Um furo deixara-as paradas na berma da estrada. Uma coisa é certa: estas meninas respiravam algum azar. Um senhor que nos observava apontou para o outro lado da estrada, indicando onde podíamos reparar o furo. Quando lá chegámos ficámos perplexos, pois estávamos diante de um salão de cabeleireiro e não de um mecânico. Reparámos que, para além de ser um cabeleireiro, também vendia alguns mantimentos, como bolachas e água, e pensei que o dono era um homem dos sete ofícios, que nos repararia o furo. Mas nada disso. Pegou no telemóvel e fez uma chamada. Depois mandou-nos aguardar, apontando para o relógio, e continuou a cortar o cabelo a um fulano como se nada se passasse. Após uns momentos, chega um senhor de motorizada com tudo o que era preciso para reparar o pneu. Dois euros e meio foi quanto custou uma câmara de ar nova mais a reparação.

Regressar a Kuta foi como voltar à estaca zero, e eis que o famoso ditado: «Depois da tempestade vem a bonança» se converteu num «Depois da bonança vem a tempestade». Após alguns dias de calma e sossego, estávamos de novo perante um trânsito completamente absurdo. Sem qualquer guia, ainda demorámos bastante a encontrar o local de entrega das *scooters*.

Porém, esta é mesmo a magia e a essência deste tipo de viagens. Sem qualquer trunfo, como num jogo de cartas, tentamos somar pontos a cada jogada. Por vezes, também nós ficamos baralhados perante algumas situações adversas, mas no final acabamos sempre por vencer. Aprendemos, crescemos, e tornamo-nos pessoas com um olhar bastante diferente sobre um mundo tão mágico e misterioso.

Paquistão

Um mundo à parte

Porquê o Paquistão?

Após ter visitado o Irão, percebi que por vezes os média pintam o mundo a preto e branco, quando na prática não é bem assim. Somos manipulados e deixamo-nos influenciar pelo que ouvimos e pelo que escolhem mostrar-nos, e acabamos a julgar as pessoas ou o próprio país de uma forma desmerecida e injusta. Aliás, nem temos realmente tempo de julgar seja o que for. Somos levados a acreditar em preconceitos que rotulam certos países como vinho das piores castas, sem nunca chegarmos a prová-lo. É o efeito dominó dos média sobre a humanidade. O Irão é perigoso. O Paquistão é perigoso. O Afeganistão é perigoso. Todos estes países acabados em «ão» são perigosos.

Ousadia ou petulância, a atitude mais correta é fazer como São Tomé e «ver para crer». Fascina-me o facto de não conhecer ninguém que tenha visitado este país. Cada viagem é diferente. Cada viagem tem uma história, e esta é a minha história...

Chego ao aeroporto de Lahore e, apesar da simpatia dos polícias da alfândega, sou questionado durante uns 15 minutos sobre o motivo da viagem. Não é muito comum alguém